

O USO DE APARELHOS ELETRÔNICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA VISÃO DOS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE BRUSQUE (SC)

Raquel Regina Rothermel¹
Camila da Cunha Nunes²

RESUMO: A importância da comunicação é referência quando se fala em desenvolvimento da humanidade. Desse modo, este artigo objetiva verificar o impacto do uso de aparelhos eletrônicos nas crianças em idade escolar das classes de alfabetização - Ensino Fundamental 1º, 2º e 3º anos - na visão de seus respectivos professores em uma escola estadual do município de Brusque (SC). Para tal, realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter exploratória. Foram entrevistados 3 professores que atuam em turmas de idade escolar de alfabetização de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Brusque (SC). Os professores concordam que o uso de aparelhos eletrônicos pode potencializar a aprendizagem dos alunos, além de melhorar seu desempenho profissional, caracterizando estes aparelhos como ferramentas e bons recursos pedagógicos. No entanto, são conscientes de que a falta de limites na utilização destes aparelhos, também pode interferir na aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aparelhos Eletrônicos. Prática Pedagógica. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT: This article aims to synthesize the results of the research that will be carried out at a school in the city of Brusque-SC in order to understand and analyze the teachers' view on the implementation of electronic devices in the literacy process and the possible obstacles faced by teachers who work in this public school for the implementation of electronic devices in the teaching-learning process. We understand that the usage of electronic devices linked to education can add values, leading to expressive learning of students but even with several benefits listed, there are numerous barriers that prevent or hinder their use by teachers in public schools. For this matter, an exploratory research will be used as a means to investigate the understanding of the topic discussed. Theoretical studies that presented a brief history of the importance of communication during human evolution and the different technologies that permeate the current historical period have been analyzed in order to integrate the information obtained initially. Activities and interviews with teachers have been carried out in order to collect data regarding their desires and difficulties in the school environment.

Keywords: Electronic devices. Pedagogical Practice. Teaching-Learning.

¹ Acadêmica do curso de Pós Graduação em Educação da UNIFEBE. *E-mail:* pamelacaviquioli@hotmail.com

² Professora orientadora. Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). *E-mail:* camila.nunes@unifebe.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Diante do contexto moderno, o uso dos aparelhos eletrônicos está cada vez mais inserido nas tarefas cotidianas das pessoas, trazendo comodidade e praticidade. Este artigo objetiva verificar o impacto do uso de aparelhos eletrônicos nas crianças em idade escolar das classes de alfabetização - Ensino Fundamental 1º, 2º e 3º anos - na visão de seus respectivos professores em uma escola estadual do município de Brusque (SC).

Com o avanço da tecnologia e o descuido no seu uso, as crianças do século XXI acabam se desligando do mundo real para o virtual, trazendo consequências, às vezes, irreversíveis ao seu desenvolvimento. Essas práticas tecnológicas refletem no meio escolar, onde diante do cenário atual é impossível negar à tecnologia e aos possíveis benefícios ao usá-la. Com a inserção de alguns aparelhos eletrônicos no meio escolar, a fim de otimizar os resultados dos processos de aprendizagem, percebemos barreiras que impedem seu uso efetivo.

A geração Alpha conhecidos como os nascidos a partir de 2010, que são o objeto de estudo desta pesquisa, pressupõem-se que será a mais formalmente educada, pois entraram mais cedo na escola e terão tendência a estudar por um período mais longo que as gerações antecedentes (MCCRINDLE; WOLFINGER, 2009). A habilidade e adaptação às novas tecnologias indicam que sejam muito mais independentes que as gerações antecessoras (BERALDO, 2015). Esta geração parece estar mais afeiçoada para a tecnologia, movidas ao seu consumo e pelo consumismo acentuado.

Assim como a tecnologia é gradativamente inserida no contexto escolar, uma parte do corpo docente adapta e repensa a sua forma de ensinar, acarretando uma grande inovação na educação. Para Moran (2007, p. 18):

bons professores são peças-chave na mudança educacional. Os professores têm muito mais liberdade e opções do que parece. A educação não evolui com professores mal preparados. Muitos começam a lecionar sem uma formação adequada, principalmente do ponto de vista pedagógico. Conhecem o conteúdo, mas não sabem gerenciar uma classe, como motivar diferentes alunos, que dinâmicas utilizar para facilitar a aprendizagem, como avaliar o processo de ensino-aprendizagem, além das tradicionais provas.

Mudanças nos últimos anos anseiam por professores aderentes a busca de novos métodos para ensinar, que sejam favoráveis ao desenvolvimento do processo de aprendizagem, observando a nova geração de crianças criativas e envolvidas com novas descobertas. Com a inserção de novas tecnologias no meio social, as quais possibilitam o

acesso rápido a informação independente da sua origem, essa nova abordagem tecnológica no ambiente escolar está se tornando cada vez mais plausível, sendo que esses aparelhos eletrônicos estão presentes em quase todos os ambientes de uma forma muito intensa.

Como sabemos o processo de Educação é constituído a longo prazo e uma série de condições se agregam para chegar a um resultado satisfatório e o professor tem papel fundamental. Este, “[...] deve interagir com os alunos, saber utilizar as TIC e delas tirar vantagens [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 16), para assegurar aos alunos o desenvolvimento de competências e habilidades para participarem dos processos da sociedade digital (OLIVEIRA, 2007).

Apesar de a tecnologia ser um excelente instrumento para o ensino, os aparelhos eletrônicos podem causar graves prejuízos ao desenvolvimento cognitivo da criança. Além do uso excessivo e desenfreado desses aparelhos fora do ambiente escolar, existe a possibilidade de causar danos ao seu desenvolvimento integral influenciando diretamente a maturação cognitiva, afetiva e social, tendo forte relacionamento com o sedentarismo, próprio ao processo de automatização provocado pelo uso excessivo, pois antes mesmo de serem alfabetizadas já fazem uso e dominam aparelhos eletrônicos. Desta maneira, a reflexão sobre a prática educativa é crucial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Analisando as fases históricas de desenvolvimento social constata-se a importância da comunicação para os seres humanos. Para Mendes e Junqueira (1999, p. 34), comunicar é “trocar informações, partilhar ideias, sentimentos, símbolos”. Os povos mais antigos já tinham a consciência desta importância, seja nas pinturas rupestres, que ainda não eram consideradas precisamente escrita, mas desenhos ou signos gravados na natureza.

Esses indícios de comunicação buscavam transmitir uma mensagem ao grupo, para momentos próximos ou futuros. De acordo com Chauí (2000), “a imaginação quando age de maneira reprodutora, reflete algo que de fato aconteceu ou algum objeto que existe. Essas pinturas de ações humanas, então, podem significar reproduções de acontecimentos passados que estavam na memória do criador da arte”.

Uma das etapas significativas no desenvolvimento da capacidade em se comunicar, foi a fase onde se instituíam símbolos e sinais como meio de comunicação, os

hominídeos comunicavam-se da mesma forma como fazem outros mamíferos, milhões de anos depois, alguns gestos e sons tornaram-se padronizados ao grupo, eram ensinados e compreendidos, passavam para as sucessivas gerações, mas ainda não era considerada fala. Esta forma de comunicação desenvolvia-se muito antes destes ancestrais caminharem eretos (DEFLEUR E BALL-ROKEACK, 1993). A raça humana levou milhões de anos para adquirir a capacidade de usar a linguagem,

[...] foi apenas há uns 5 mil anos que os seres humanos fizeram a transição para a Era da Escrita. Essa grande ferramenta para o desenvolvimento das capacidades humanas foi inventada independentemente em mais de uma parte do mundo. [...] a mais antiga transição ocorreu entre os sumérios e os egípcios no antigo Crescente Fértil [...] (DEFLEUR; BALL-ROKEACK, 1993, p. 23).

À medida que a humanidade evoluía, o uso desses registros tornou-se indispensável às relações culturais, sociais e econômicas. Para que a geração posterior relacionasse a mensagem de maneira natural, o processo da escrita passou por evoluções, onde na sua maneira mais rudimentar, traços e desenhos não tinham significado, mas representavam um pensamento. Essa simbologia foi modificada e aperfeiçoada, sobrevivendo a épocas e contribuindo para a construção e desconstrução de culturas, possibilitando a criação de regras para o sucesso e padronização da comunicação.

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais (LÉVY, 2000, p. 114).

No decorrer dos períodos históricos, é possível identificar o aperfeiçoamento das diversas formas de comunicação. Segundo Cagliari (1998, p. 14):

de acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados, para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários.

Em cada período histórico se destacam fatos importantes que definem uma nova organização social. A Idade Moderna foi marcada por grandes mudanças no contexto social, entre elas a invenção da imprensa, que contrapõe o modelo de organização

medieval presente até então. Como afirma Ribeiro (2007, p. 30): “[...] entre estes fatores importantes pode-se citar a engenhosa invenção da imprensa por Johanes Gensfleisch von Gutenberg”.

O objetivo da comunicação escrita é transmitir alguma ideia a seu interlocutor ou a vários interlocutores, como por exemplo, um livro; e “quando foi possível mecanizar esse processo através da prensa e reproduzir em série, o livro tornou-se portátil e o saber extrapolou os limites dos mosteiros, feudos e nações” (GONTIJO, 2004, p. 48). A invenção da tipografia transformou completamente, tanto em rapidez quanto em quantidade, a circulação da informação escrita na sociedade. Essa invenção foi realmente uma das revoluções técnicas mais importantes da história da humanidade (VERGER, 1999). O número de livros era restritamente destinado ao clero ou a pessoas que possuíam muitos recursos financeiros. Com o surgimento dos impressos, os livros tornaram-se mais baratos e portáteis (BACELAR, 1999).

Iniciando o século XVI, vários livros publicados, em todos os idiomas europeus não mais somente o latim, já estavam disponíveis na Europa para comercialização (DEFLEUR, 1993). “A tecnologia da impressão desencadeou uma revolução nas comunicações, alargando consideravelmente a circulação da informação, alterando os modos de pensar e as interações sociais” (RIBEIRO, 2007, p. 31).

Assim como os livros foram um sucesso no século XV enfatizada por, Belo (2002, p. 40) “[...] a verdade é que nenhuma inovação ligada ao livro marcou tão fortemente a cultura letrada da época contemporânea como a invenção da tipografia”. As novas tecnologias fazem em proporções muito maiores nos dias de hoje, como um artefato adicional que faltava aos livros: a interatividade. Quando Moran (1991) apresenta a história da tecnologia, assegura que seja um dos meios de comunicação importantes na transmissão de informações. Nesta linha de pensamento Pocho et al. (2012) compartilham da mesma ideia quando há correlação de inovações.

Primeiro, foram os livros (século XV), divulgados em larga escala graças aos tipos móveis de Gutenberg), que influenciaram a sociedade e a educação: depois foram o jornal periódico (século XVII), o rádio (século XIX), a televisão e o computador (século XX). Entretanto, essas tecnologias revolucionaram o mundo de maneiras diferentes (POCHO et al., 2012, p. 119).

Sintetizando a importância da evolução histórica da comunicação, tendo esta reflexão para a sociedade atual,

assim, a história da comunicação humana tem sido de combinações de sistemas de comunicação antes de que de simples passagem de um para outro. [...] as atividades cotidianas das pessoas, durante cada era, foram profundamente influenciadas pelos sistemas de comunicação em vigor durante a existência delas (DEFLEUR, 1993, p. 24-25).

Barbosa (2010, p. 14), mostra que a comunicação está em evolução constante:

[...] a história comunicacional do homem foi construída pela adoção de próteses comunicacionais, que fizeram e ampliaram a possibilidade do ato comunicativo. À prótese fala seguiu-se outra tecnologia, a escrita, e, assim, sucessivamente, numa extensa história da construção de mediações possíveis para tornar mais eficiente o ato de comunicar. Portanto, a história da comunicação é a reconstrução, pelo ato interpretativo, dessas múltiplas mediações e de suas materializações em processos complexos.

Durante a modernidade, “questões qualitativas relativas aos objetos e fenômenos sociais não deveriam receber o estatuto de ciência. [...], o que não fosse quantificável deveria ser considerado cientificamente irrelevante e não mereceria ser estudado” (CUERVAS-CERVERO, 2014, p. 36) Verificava-se a impossibilidade destes estudos serem colocados a prova pela academia.

Verificando, o pensamento moderno sobre conhecimentos válidos ou não válidos, constata-se que a abordagem moderna torna-se inapropriada ao contexto social atual. Para Cuervas-Cervero (2014, p. 37):

como se pode inferir, o paradigma da modernidade centrado na solidez das certezas científicas não tem mais validade universal. Ao contrário, as constantes transformações da técnica e da tecnologia têm demandado permanente revisão de teorias, procedimentos e processos, o que torna os conhecimentos sempre transitórios. Por essa razão, nos últimos anos o termo “pós-modernidade” tem sido bastante utilizado para tentar explicar essa nova sociedade, onde o conhecimento é cada vez mais incerto e plural.

Surge assim, um novo desafio para as instituições escolares,

em decorrência dessa nova abordagem surge um importante desafio para as instituições de formação cidadãs, a exemplo da escola e da universidade, que necessitam rever preceitos e práticas educativas. O conhecimento passa a ser entendido como um “processo”, estando implícito um constante estado de “vir a ser”, como algo sempre transitório e que necessita ser constantemente revisado (CUERVAS-CERVERO, 2014, p. 36).

Com a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ao mundo do trabalho e as relações interpessoais, promovendo a circulação de informações e conhecimento em tempo real, exige que “os cidadãos estejam aptos a manipular

eficazmente as informações no suporte digital, através de Competência Informacional” (CUERVAS-CERVERO, 2014, p. 36), salientando uma nova competência que deve ser fomentada na escola.

Nesse contexto, em que os conhecimentos tornam-se disformes, voláteis, e em constante processo de transformação, a produção e o consumo massivo de tecnologia e informação devem ser democratizados, a fim de promover uma cidadania integrada à cultura de sua época. Uma possibilidade importante é utilizar o viés da cultura – em que a riqueza está na diversidade, no respeito à alteridade, à memória, à história – no modelo de múltiplas alfabetizações, para formar o cidadão capaz de se relacionar no ambiente digital. É ainda o viés da cultura um caminho para ações de comunicação focadas no entendimento: do outro e da informação. (CUERVAS-CERVERO, 2014, p. 37)

A escola é considerada a instituição responsável pela sistematização e produção de conhecimento, também como responsável por preparar os sujeitos para a via social. Como afirma Kenski (2010, p. 29) “tradicionalmente, a aprendizagem de informações e conceitos era tarefa exclusiva da escola”. O momento tecnológico contemporâneo ampliou as fronteiras e “[...] trouxe novas formas de viver, de trabalhar e de se organizar socialmente” (KENSKI, 2010, p. 29). Existem iniciativas de mudança para que nessa área se formem de fato cidadãos críticos e autônomos (FAGUNDES et al., 2009).

A proposta educativa para este século inclui pontos relacionados à tecnologia, fazendo-se necessário um ambiente escolar mais próximo à realidade, onde as aprendizagens sejam mais significativas e próximas do contexto social. Com as novas mudanças devido à presença penetrante da tecnologia, ela é considerada como parte essencial desta nova cultura (LÓPES CEREZO; SANCHÉZ RON, 2001). Para Mendes (2012, p. 17) “O mundo de hoje apresenta desafios tão novos e imprevisíveis, que se faz necessário repensar o modo como educamos as futuras gerações”.

O uso das tecnologias tem fortes fundamentos nos quatro pilares do conhecimento da “Educação para Todos”, proposto pela UNESCO (2000), são eles: Aprender a Conhecer, Aprender a Viver Juntos, Aprender a Fazer e Aprender a Ser. Neste sentido, “já não é mais suficiente saber ler e escrever para compreender o mundo; hoje se faz necessário, saber ler e escrever digitalmente, conhecer e saber utilizar as tecnologias que estão inseridas no contexto do dia-a-dia e seus respectivos códigos” (LOPES, 2005, p. 131).

Segundo Martim (2006, p. 10-11):

alfabetização em TIC é usar tecnologia digital, ferramentas de comunicação e/ou redes de acesso, manejar, integrar e criar informação com o fito de

funcionar numa sociedade de conhecimento [...]; os cinco componentes representam um contínuo de habilidades e conhecimento e são apresentados em seqüência sugerindo complexidade cognitiva crescente [...]; i) acessar: conhecer acerca de e como coligir e/ou sacar informação; ii) manejar: aplicar um esquema existente organizacional ou classificatório; iii) integrar: interpretar e representar informação, envolvendo sumariar, comparar e contrastar; iv) avaliar: fazer julgamentos sobre a qualidade, relevância, utilidade ou eficiência da informação; v) criar: gerar informação ao adaptar, aplicar, desenhar, inventar ou fazer-se autor de informação [...] alfabetização em TIC é o interesse, atitude e habilidade dos indivíduos de apropriadamente usar tecnologia digital e ferramentas de comunicação para acessar, manejar, integrar e avaliar informação, construir novo conhecimento e comunicar-se com outros com o objetivo de participar ativamente na sociedade.

Um dos objetivos da inserção do uso de aparelhos eletrônicos no processo de alfabetização é proporcionar aos estudantes maiores experiências em relação a formação individual e educação social, preenchendo uma possível lacuna no ensino.

Para Assman (1998, p. 32 apud SANTOS, 2011, p. 40), é preciso investir em alfabetizações: “[...] o da lectoescritura (saber ler e escrever), o sócio-cultural (reconhecer o tipo de sociedade em que se vive) e o tecnológico (saber interagir com máquinas complexas)”. Estes tipos de alfabetização devem estar presentes nas escolas por conta dos novos desafios tecnológicos. Visando a necessidade da integração social, Cuervas-Cervero (2014, p. 43) pontua que, “nas últimas décadas, o termo alfabetização tem expandido seu significado em um vasto leque de alfabetizações: digital, informacional, audiovisual e multimídia, entre outras, convertendo-se em metáfora de uma ampla gama de competências.” A alfabetização que, além de ser uma ferramenta socializadora, contribuem para a formação da cidadania de cada sujeito. Para Demo (2007, p. 546) a “alfabetização passa a ser vista como acesso a ferramentas múltiplas que capacitam a pessoa a dar conta dos desafios da sociedade e da economia” visto que, não vale muito ler, escrever e contar de maneira mecânica (MANGUEL, 1996), esta expectativa é definida como insuficiente, introduzindo a consideravelmente a ideia de alfabetizações.

Este modo de ver a alfabetização naturalmente assume sua multiplicidade, passando a ser posta no plural: alfabetizações. Diz-se tratar-se de “novas alfabetizações” quando ultrapassam os textos tipográficos na prática textual, incluindo, entre outros: usar e construir hyperlinks entre documentos e/ou imagens, sons, filmes, linguagens semióticas (tais como emoticons [‘risos’] em e-mails, espaço de batepapo on-line, envio de mensagem instantânea), manipular mouse movendo-se dentro de um texto, ler a extensão do arquivo e identificar qual software vai ‘ler’ cada arquivo, produzir textos ‘não lineares’, navegar mundos tridimensionais on-line [...] A tendência é definir alfabetizações para além dos conteúdos, entendendo-as como habilidades genéricas, de teor propedêutico. Admite-se que não é o caso pretender que um tipo de alfabetização regule os outros, não só porque mesclam-se na prática,

mas também porque o tipo dominante em geral é dos dominantes (DEMO, 2007, p. 549).

As “alfabetizações” tem com finalidade a interação social e o exercício da cidadania com objetivo de “proporcionar às pessoas novas habilidades que facilitem a leitura e a escrita de uma linguagem cada vez mais complexa e permitam que essas pessoas tenham uma plena integração social” (CUERVAS-CERVERO, 2014, p. 43). A alfabetização no uso das TIC demanda um modelo total formado por cinco áreas que serão praticadas nas escolas e nos sujeitos que aprendem:

- Dimensão instrumental: incorpora o domínio técnico dos instrumentos tecnológicos e seus procedimentos de uso. Trata-se de adquirir destrezas para o uso do hardware, do software e dos aplicativos.
- Dimensão cognitivo-intelectual: inclui a aquisição de habilidades vinculadas aos conhecimentos específicos que permitam igualmente a busca, seleção, tratamento e produção da informação facilitados pelo concurso das tecnologias, a comunicação com outras pessoas através das redes. Trata-se de aprender a usar a informação de modo inteligente e efetivo pondo em jogo nossas capacidades para a análise cognitiva e crítica que permita sua recriação e a produção de novo conhecimento.
- Dimensão sócio-comunicacional: que se refere ao desenvolvimento de competências vinculadas à criação de conteúdos de diferentes naturezas, hipertextuais, propagá-los através de diversas linguagens e poder comunicar-se com outras pessoas por meio das tecnologias. Implica também adquirir normas de comportamento envolvam uma atitude social positiva frente aos demais, o respeito e a capacidade para o trabalho colaborativo em redes sociais.
- Dimensão axiológica: dar-se conta de que as TIC não são neutras, e mais, que podem afetar significativamente o ambiente cultural e político de nossa sociedade. Vincula-se também à formação ética e democrática no que diz respeito ao uso da informação e da tecnologia e à rejeição a atitudes contrárias a estes preceitos.
- Dimensão emocional: relativa aos sentimentos e emoções suscitados pelos cenários digitais como os videogames ou a interação em redes sociais. A alfabetização emocional tem a ver com as capacidades de autocontrole de emoções negativas, de ter empatia e de construir uma identidade digital que seja equilibrada afetiva e pessoalmente (AREA, 2012, p. 30).

Ainda, a alfabetização digital sugere capacidades e habilidades de investigação, os conhecimentos técnicos e habilidades de análise crítica que ainda se ensinam em contextos tradicionais. As competências e habilidades devem ser exercitadas afim da interação social, são elas:

- Jogo: Capacidade para experimentar com o ambiente como uma forma de aprender a resolver problemas.
- Representação: Habilidade para adotar diferentes identidades com o propósito de improvisar e de descobrir.
- Simulação: Habilidade para interpretar e construir modelos dinâmicos de processos do mundo real.

- Apropriação: Habilidade para reinterpretar e re-misturar o conteúdo midiático.
- Multitarefa: Habilidade para examinar o próprio ambiente e focar a atenção nos detalhes significativos, quando necessário.
- Pensamento distribuído: Habilidade para interagir de forma significativa com ferramentas que expandem as capacidades mentais.
- Inteligência coletiva: Habilidade para somar conhecimento e compará-lo com os de outras pessoas em função de um objetivo comum.
- Juízo, critério: Habilidade para avaliar a confiabilidade e credibilidade de diferentes fontes de informação.
- Navegação transmidiática: Habilidade para seguir o fluxo das histórias e da informação através de diferentes meios.
- Trabalho em rede: Habilidade para buscar, sintetizar e disseminar informação.
- Negociação: Habilidade para viajar através de comunidades diversas, perceber e respeitar as múltiplas perspectivas, e compreender e seguir normas alternativas (JENKINS, 2008, p. 14).

A UNESCO, acompanha as transformações educativas, e compreende que o conceito de analfabetismo mudou com as necessidades impostas pela sociedade ao sujeito, saber ler e escrever já não é mais suficiente, é preciso incluir os aspectos relacionados com os aspectos comunicativos, sociais e participativos da alfabetização (CUERVAS-CERVERO, 2014). É essencial que, o indivíduo:

[...] reconhece o papel fundamental da informação e dos meios de comunicação em nossa vida diária, são parte central da liberdade de expressão e de informação; facultam aos cidadãos a compreender as funções dos meios de comunicação e de informação, a avaliar criticamente os conteúdos e a tomar decisões fundadas como usuários e produtores de informação e conteúdo midiático (CUERVAS-CEVERO, 2014, p. 46).

O uso efetivo de tecnologias nas escolas está amparado legalmente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica estabelecem, entre suas orientações, “o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores” (BRASIL, 2002, p. 1).

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) expressa na lei 9394 de 1996, em seu capítulo II seção III, o início do Ensino Fundamental se dá por nove anos de alfabetização, onde o aluno inicia o uso do sistema ortográfico destacando a sua importância como código de comunicação compreendendo a estrutura da língua e a forma como é utilizada.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) em relação às competências gerais para a Educação Básica relacionadas com o uso das tecnologias no processo de ensino aprendizagem:

é imprescindível destacar que as competências gerais da BNCC, apresentadas a seguir, inter-relacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

[...]

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

O PNE (BRASIL, 2001), trata da formação continuada dos professores como um dos meios de valorização do magistério e progresso da educação:

é fundamental manter na rede de ensino e com perspectivas de aperfeiçoamento constante os bons profissionais do magistério [...] A formação continuada dos profissionais da educação pública deverá ser garantida pelas secretarias estaduais e municipais de educação, cuja atuação incluirá a coordenação, o financiamento, e a busca de parcerias com as Universidades e Instituições de Ensino Superior (p. 40).

De acordo com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (BRASIL, 2007):

Art. 2º A participação da União Federal no Compromisso será pautada pela realização direta, quando couber, ou, nos demais casos, pela indução e apoio à implementação, por Municípios, Distrito Federal, Estados e respectivos sistemas de ensino das seguintes diretrizes:

[...]

II- alfabetizar as crianças até, no máximo, os 8 anos, aferindo os resultados por exame periódico específico; [...].

Buscando atender a meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), o governo Federal, Distrito Federal, Estados e Municípios, buscam atender a essa meta, assumindo o compromisso formal de estabelecer a obrigatoriedade de “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 2º (segundo) ano do ensino fundamental” (BRASIL, 2014).

Sendo assim, na perspectiva de trabalhar com aparelhos eletrônicos no contexto educacional, o professor tem papel fundamental no processo, por este motivo,

primeiramente é necessário formação continuada afim de capacitar a equipe docente ao uso dos aparelhos eletrônicos de forma que seja compreendida a finalidade do uso desses instrumentos tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para consecução dos objetivos propostos realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter exploratória e de campo. Foram entrevistados por meio de uma entrevista semiestruturada 3 professores que atuam em turmas de idade escolar de alfabetização – Anos Iniciais do Ensino Fundamental – da Rede Municipal de Ensino de Brusque (SC).

Depois de realizada as entrevistas realizou-se uma análise de dados modo qualitativo. De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 43), a análise qualitativa é mais adequada para pesquisar os fenômenos da natureza humana, para que “tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, [...], deixemos falar o real a seu modo e o escutemos”.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, com o Parecer de nº 3.012.968 e CAAE nº 98913318.9.0000.5636.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A entrevista foi realizada com 3 professores da escola selecionada. Os professores foram nomeados conforme a ordem da realização das entrevistas de: Professor 1, Professor 2 e Professor 3 com intuito de preservar sua identidade. Todos são habilitados em licenciatura plena em pedagogia e somente o professor 3 concluiu pós-graduação em Orientação Pedagógica. Atuam há no mínimo um ano nas turmas de alfabetização dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O professor 1 também possui experiência na educação infantil. Os professores expuseram que, na sua escola de atuação, durante este ano letivo não participaram de nenhum curso que fosse focado na utilização das tecnologias nas classes de alfabetização e pontuaram também que, não se recordam de ter sido proposto a eles esse tipo de formação continuada nesta área.

Percebe-se o quanto é importante a formação continuada no meio educacional, conforme Martins (2007, p. 149):

o educador é, sem dúvida, o elemento fundamental da comunidade educativa, pois desempenha a missão de formar a alma do educando. Em função disso, não pode limitar-se ao mero transmissor de conhecimento. [...] para cumprir bem sua missão o educador deve ser um estudioso permanente e deve ter um bom caráter isto é, seu comportamento em momento algum deve contradizer seus preceitos [...] por causa do processo de tecnologia e dos meios de comunicação, a sociedade está em transformação permanente, o que exige de educador atualização constante por meio de cursos, congressos, simpósios, muita leitura, enfim o educador deve ser um estudioso constante.

A formação continuada é muito comentada e indicada por vários autores, mas apesar do que parece, sua oferta é baixa em relação as necessidades educacionais que são imensas. Como constatado na entrevista, apenas um professor possui curso de pós-graduação. Ainda sobre a formação continuada, para Alves (2009) as tecnologias provocam mudanças nos processos cognitivos dos educandos, acentuando assim, a responsabilidade dos docentes de focar em uma formação continuada de qualidade:

para que o professor possa assumir este novo papel, é indispensável que sua formação inicial e continuada lhe confira um domínio significativo destes novos instrumentos pedagógicos e que revelem sensibilidade em relação às modificações que as novas tecnologias provocam nos processos cognitivos (ALVES, 2009, p. 39).

Segundo os entrevistados, a escola selecionada para entrevista possui alguns aparelhos eletrônicos para uso coletivo e pedagógico. As salas não são equipadas com aparelhos eletrônicos, o uso destes aparelhos é feito mediante reserva antecipada. Destes recursos estão presentes na escola para o Professor 1, o retroprojeto e lousa digital; o Professor 2 destacou a aquisição do retroprojeto, rádio, DVD, caixa de som e televisores; segundo o Professor 3 impressora matricial, computador para pesquisa e uso exclusivo dos docentes e retroprojeto. Nem todos os materiais apontados pelos professores são usuais nas suas práticas didáticas. Para os Professores 1, 2 e 3 são comuns em suas práticas somente o retroprojeto.

As TIC potencializam a organização e planejamento das atividades, devendo promover nos alunos a capacidade de investigação, a iniciativa e o espírito crítico. É preciso garantir o acesso aos instrumentos culturais de seu tempo que propiciam o desenvolvimento da liberdade, da colaboração e da autoria do aluno (ALVES, 2009, p. 105).

Usar as novas tecnologias no contexto educacional é garantir um dos princípios descritos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que se refere ao direito de o aluno ter acesso a tais recursos (BRASIL, 1996). Para Alves (2009, p. 107),

trata-se de inserir as tecnologias presentes na sociedade em processos educativos de modo a proporcionar aos alunos condições de efetuar a leitura do mundo digital, a escrita da palavra, a produção de conhecimentos para o pleno exercício da cidadania e a inserção na sociedade e no mundo do trabalho.

Outra questão abordada pela entrevista foi o ambiente da sala informatizada. Uma situação preocupante apontada pelos entrevistados foi o desuso ou inexistência do laboratório de informática. Conforme o Professor 1, a sala não está em uso e também não há professor responsável pelo ambiente. O Professor 2 salientou que a sala foi desligada da sua usabilidade por falta de manutenção dos computadores e falta de um profissional responsável pelos equipamentos. O professor 3 destacou a mesma informação sobre o laboratório de informática.

Como sinalizam os entrevistados, é preocupante a situação desta escola em relação à sala informatizada, percebe-se que um ano letivo se findou e os alunos sequer entraram no laboratório.

Os recursos tecnológicos usados na Educação devem caminhar buscando um objetivo único: a otimização do processo de ensino aprendizagem. O uso das tecnologias digitais possibilita a transformação de velhos paradigmas da educação, propiciando atividades pedagógicas inovadoras. O computador tem de ser visto como uma ferramenta de ensino e deve ser o facilitador da aprendizagem, visando fascinar o aluno para novas descobertas (PIETRO, 2005, p. 1).

Os professores relataram casos preocupantes sobre o uso dos aparelhos eletrônicos fora do contexto escolar. A situação destacada é a falta de limites estabelecidos pelos pais ao uso destes aparelhos, que por sua vez são interativos, coloridos, animados, e chamam e prendem a atenção das crianças. Os professores 1 e 3 concordam com a situação de falta de limite. O professor 1 salientou: “[...] o que eu percebo é que os alunos que usam muito (aparelhos eletrônicos)::: as famílias estipulam POUQUÍSSIMOS limites... principalmente de tempo para eles jogarem”. O professor 3 alerta para uma situação de vício, destacando que “percebo que eles (alunos) acordam de manhã e JÁ ganham celular::: pra ficar jogando ainda... vejo uma relação muito sem limites dessas crianças com o celular... jogam,,jogam... jogam... às vezes eu vejo que eles já estão VICIADOS”. Outro problema trazido pelos entrevistados é a falta de interesse nas aulas, motivadas pelo uso excessivo de aparelhos eletrônicos, elas perdem seu brilho por não serem tão interativas quanto um jogo virtual. Segundo o Professor 2 “eles não tem muito interesse

na aula... trago jogos... trago coisas além do caderno e do livro... coisas diferentes pra eles e ainda assim parece que não alcanço meu objetivo com eles...”.

O uso efetivo e constante da internet é motivo de preocupação para muitos especialistas, principalmente entre os jovens usuários. O distanciamento do processo de socialização de jovens que vivem interligados por muito tempo nas redes sociais tornou-se preocupante. O domínio dessa ferramenta há muito tempo vem sendo estudada, analisada, hoje muitos médicos relacionam muitas doenças de transtornos mentais, ligando-as diretamente ao uso da tecnologia digital (GOMES, 2016, p. 3).

Os comportamentos característicos destas crianças também foram pontuados pelos professores, caracterizando-os como desatenção, forte individualismo, dificuldade de interação social e até vício.

[O] [...] excesso nas mídias, onde as performances tecnológicas e o consumo de informação submergem, “anestésiam” a capacidade de análise dessa informação e de reflexão tanto individual quanto social. Saturação e superabundância ameaçam o navegador da Internet que, como certas pesquisas mostram, não tira partido das riquezas de informação pertinente, não estando formado para ir diretamente ao essencial (MARCHESSOU, 1997, p.15).

Ainda para Koch (2016, p. 16):

quando utilizada e interpretada de maneira errada pelas pessoas, a tecnologia se torna uma vilã, porque torna distante as relações humanas de afetividade, amizade e diálogo crítico e reflexivo, criando seres humanos que passam o tempo todo buscando informações e conversando com a sociedade pelas redes sociais e internet e destruindo a interatividade humana.

A questão presente na fala dos professores sobre o uso excessivo de aparelhos eletrônicos é muito forte. A criança está em processo de desenvolvimento intelectual e cognitivo, assim entendendo que ela não tem condições de distinguir o que é saudável ao seu desenvolvimento ou o que não é. Percebe-se que nesta hora a figura dos pais e a sua presença é fundamental para ter discernimento sobre tais situações. Em alguns casos, evidencia-se que os pais/responsáveis devido a sua rotina diária acabam não acompanhando esse processo de desenvolvimento dos filhos e já são apontados pelos professores várias situações maléficas ao desenvolvimento das crianças oriundas do uso excessivo de aparelhos eletrônicos. No ambiente escolar os reflexos são maléficos na mesma proporção, como tratados anteriormente. A escola não possui laboratório de informática em funcionamento, dificultando a inserção de aparelhos eletrônico nos processos didáticos. O resultado para o processo de ensino e aprendizagem é o

desinteresse e baixo rendimento dos estudantes que utilizam com frequência os aparelhos eletrônicos, pois o meio escolar não chega, nem de longe, ser tão atrativo quando um jogo cheio de recursos tecnológicos, movimentações e cores.

É sabido que os *games* podem ser “[...] espaços que potencializam o desenvolvimento de distintas habilidades” (ALVES; RIOS; CALBO, 2014, p. 42). Partindo deste ponto, o professor 1, 2 e 3 atribuem aos aparelhos eletrônicos as características de ferramenta e recurso além de ser facilitadora no processo de aprendizagem quando utilizadas no meio escolar.

Papert (1994, p. 168) reconhece as tecnologias “como uma ferramenta para trabalhar e pensar, como um meio para realizar projetos, uma fonte de conceitos para pensar novas ideias”. As tecnologias são associadas pelos entrevistados como aliada no processo de ensino e aprendizagem, propiciando maior interação dos alunos no processo. Isso porque podem aprender conteúdos programáticos de uma forma mais ‘leve’ e prazerosa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da comunicação é referência quando se fala em desenvolvimento da humanidade, esta por sua vez, testemunha novas descobertas e inovações que desencadeiam o aprimoramento da comunicação e do código escrito. O ambiente escolar é um dos ambientes para se discutir o desenvolvimento social na medida em que as novas tecnologias ocupam setores sociais, logo, afetam também o ambiente escolar.

Diante da pesquisa realizada, novos olhares surgiram em torno da temática, possibilidades e problemas presentes na realidade escolar, evidenciaram-se alguns pontos que dificultam a inserção das tecnologias no processo de ensino aprendizagem, e que merecem nossa atenção: falta de formação continuada e de materiais e aparelhos tecnológicos para serem utilizados. Apontando para a necessidade da formação de professores, materiais didático-pedagógicos adequados e instalações que possibilitem tal inserção. Verificou-se que os aparelhos eletrônicos são utilizados com certa infrequência pelos professores e quando são usados nas aulas, os fazem em moldes tradicionais de ensino, podendo ser explorados de outras maneiras de modo a colaborem para um desenvolvimento crítico e processo mais dinâmico.

Os professores concordam que o uso de aparelhos eletrônicos pode potencializar a aprendizagem dos alunos, além de melhorar seu desempenho profissional,

caracterizando estes aparelhos como ferramentas e bons recursos pedagógicos. No entanto, são conscientes de que a falta de limites na utilização destes aparelhos, também pode interferir na aprendizagem. A partir dos resultados, acredita-se que esta temática mereça discussões mais aprofundadas, tanto no que refere-se a realização de outras pesquisas como no meio escolar e nas instituições de formação profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. **Tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas escolas: da idealização à realidade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

ALVES, L.; RIOS, V.; CALBO, T. *Games e aprendizagem: trajetórias de interação*. LUCENA, S. (Org.). **Cultura digital, jogos eletrônicos e educação**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 17-45.

AREA, M. La alfabetización en la sociedad digital. In: AREA, Manuel Moreira; GUTIÉRREZ MARTÍN, A.; VIDAL FERNÁNDEZ, F. (Org.). **Alfabetización digital y competencias informacionales**. Madrid: Fundación Telefónica y Editorial Ariel, 2012.

BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

BARBOSA, M. C. **Uma história dos sistemas de comunicação: balanço de um percurso teórico**. Rio Grande do Sul: UCS, 2010.

BARBOSA A. F. (Coord). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras**. TIC Educação, São Paulo, 2014.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o Ba-Be-Bi-Bo-Bu: Pensamento e Ação no Magistério**. São Paulo: Spicione, 1998.

CUERVAS-CEVERO, A. **A Alfabetização que Necessitamos: informação e comunicação para a cidadania**. Editora: Inf. & Soc.:Es, João Pessoa. Maio a agosto de 2014.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Comunicação de massa**. Ed.5. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DEMO, P. **Alfabetizações: Desafios da Nova Mídia**. Rio de Janeiro, 2007.

GONTIJO, S. **O livro de ouro da comunicação**. São Paulo: Ediouro, 2004.

- HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- JENKINS, H. **Convergence culture**: la cultura de la convergencia de los medios de comunicação. Barcelona: Paidós, 2008.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e o ensino presencial e a distância**. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LOPES CERREZO, J. A.; SÁNCHEZ RON, J. M. **Ciencia, Tecnologia, Sociedad y Cultura en el cambio de siglo**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.
- LOPES, M. C. L. P. Formação Tecnológica: um fenômeno em foco. **Série-Estudos**, Campo Grande, n. 19, p. 127-136, jan./jun. 2005.
- MARTIN, A.; MADIGAN, D. **Digital literacies for learning**. London: Facet, 2006.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MASETTO, M. Mediação pedagógica e uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- MARCHESSOU, F. **Estratégias, Contextos, Instrumentos, Fórmulas**: a contribuição da tecnologia educativa ao Ensino Aberto e à Distância. *Revista Tecnologia Educacional*, V. 25 (139), Nov./Dez. 1997.
- MENDES, E.; JUNQUEIRA, L. A. C. **Comunicação sem medo**. São Paulo: Editora Gente, 1999.
- MENDES, F. R. **A nova sala de aula**. Porto Alegre: Autonomia, 2012.
- MORAN, J. M. **Como ver televisão**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- MORAN, J. M. **A Educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 2007.
- OLIVEIRA, A. S. Perspectivas para formação de professores na sociedade da informação. In: MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (Org.). **Percursos na Formação de Professores com Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação**. Maceió: Edufal, 2007. p. 12-26.
- PAPERT, S. **A Máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

PIETRO, L. M. et.al. **O uso das tecnologias digitais em atividades didáticas nas series iniciais**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005.

POCHO, C. L. et al. **Tecnologia Educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. 7. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. **O renascimento cultural a partir da imprensa**: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. Umuarama: Akropólis, 2007.

SANTOS, M. P. **Recursos didático-pedagógicos na educação matemática escolar**: uma abordagem teórico-prática. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2011.

VERGER, J. **Os livros na idade média**. Homens e saber na Idade Média. Bauru: Edusc, 1999.